

Cultura popular e gestão municipal: o caso do(a) Jaraguá-cabeça-de-cavalo em Anchieta, Espírito Santo

Gabriela Alvarenga Prestes

Graduada em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense

Assistente local na Rocinha e Vidigal pelo programa UPP Social, Rio de Janeiro

gap.producao@gmail.com



A cidade de Anchieta tem sua origem ligada à aldeia de Iriritiba, também chamada Reritiba, fundada em 1561 pelo padre e jesuíta José de Anchieta. Situada no litoral sul do estado do Espírito Santo, seu cenário é marcado pela história de vila de pescadores que preserva importantes registros históricos, como a igreja Nossa Senhora de Assunção, em que foi descoberto um dos altares mais antigos do Brasil; a Casa da Quarentena, que abrigava imigrantes italianos; e misteriosas ruínas à margem do rio Salinas.

Vivi no local de 1991 a 2004, durante toda a minha infância e adolescência, compartilhando de seu cotidiano e participando de suas festas. Nesse período, percebi que Anchieta obedecia a uma ordem temporal própria, em que mudanças eram pouco perceptíveis no longo prazo.

Além de opção de refúgio de muitos turistas, principalmente mineiros, por suas praias e paisagem privilegiadas, também é o município em que estão localizadas uma usina da Companhia Siderúrgica de Ubu (CSU) e a Usina de Pelotização da Samarco Mineradora Ltda., instaladas desde 1977 na comunidade de Ubu.

Por meio de uma parceria entre prefeitos e empresas da região sul capixaba, sob coordenação do governo do estado, por intermédio do Plano Estratégico Espírito Santo 2025, lançado em 2010, foi elaborada a Agenda Estratégica Regional Sul Capixaba. Uma das ações nela previstas é o projeto de expansão industrial da Samarco Mineradora Ltda., capitaneado pelas empresas Vale do Rio Doce

(hoje uma das principais acionistas da Samarco) e pela Petrobras, com o interesse de construir nova base portuária a fim de complementar o atendimento às plataformas que já operam e que irão operar nos próximos anos na Bacia de Campos.



Figura 1: Jaraguá na rua. Bairro Porto de Cima, Anchieta, ES Carnaval, 2010. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/guia/a-lenda-do-jaragua>>.

Durante os treze anos em que morei em Anchieta, pude observar, nos primeiros dias de Carnaval, surgir à noite, no centro da cidade, um bando de pessoas fantasiadas de bichos com cabeças de caveira de cavalo, batendo suas mandíbulas incessantemente. Os olhos eram feitos com pedaços de espelhos, e as mandíbulas, pintadas nas bordas com tinta vermelha, simulando sangue; os dentes de cavalo amedrontavam todos na cidade, principalmente os turistas e as crianças. O corpo do bicho era (e ainda é) feito de musgo seco do mangue costurado no chitão, bem pesado. Esse bicho tem o nome de Jaraguá. Corri dele em muitos carnavais!

Essa manifestação sempre me deixou curiosa, pois nunca tinha visto algo parecido. Sempre me perguntei qual seria sua origem, sua história. Em vistas de me graduar no curso de Produção Cultural da Universidade Federal Fluminense, voltei a Anchieta, dessa vez não só para visitar familiares que moram lá, como também movida pela finalidade de realizar um trabalho de campo para a monografia. Além de Anchieta abrigar manifestações culturais muito antigas, é um local com que tenho relações afetivas, com o qual me identifico, potencializando a inserção no trabalho de campo.

Na monografia, tinha o objetivo de refletir sobre as interfaces entre o contexto local de desenvolvimento econômico, as ações da gestão cultural pública municipal e a valorização da cultura popular, por isso escolhi como base para meu estudo de caso a manifestação do(a) Jaraguá (não foi encontrado consenso quanto à definição do gênero).

Ao pesquisar a origem dessa manifestação popular, deparei com uma “colcha de retalhos” de memórias dos ex-integrantes e integrantes do grupo do(a) Jaraguá, boatos de pescadores e especulações de historiadores capixabas. Ao procurar seu Rubens e dona Laila, dois dos

mais antigos e hoje ex-integrantes do grupo, fui informada de que o(a) Jaraguá, antes de ser uma manifestação à parte, participava da Festa do Reisado na comunidade de São Mateus (comunidade afrodescendente localizada na zona rural de Anchieta) e no Reisado que ocorria no centro da cidade.

No entanto, ao conversar com José Luiz, representante oficial da manifestação, fui informada de que houve pesquisadores que concluíram, a partir de anotações em diários dos jesuítas, que o(a) Jaraguá seria uma “figura mitológica, produzida pelos jesuítas, com intuito da catequese, o ensinamento da arte, da agricultura e de dificultar as guerras”. Ele também relatou que, em tupi-guarani, Jaraguá quer dizer “bicho que pega”.



Figura 2: José Luiz e cabeça do(a) Jaraguá (2). Acervo próprio, 23 de abril de 2010.

Procurei saber se existia alguma dificuldade para a manutenção da “saída” do(a) Jaraguá. José Luiz pontuou a dificuldade de conseguir material para adaptar as fantasias, a fim de deixá-las mais leves, menos quentes e pesadas.

Além disso, ele ressaltou o interesse em difundir a imagem do(a) Jaraguá, visando amenizar a concepção de que se trata apenas de um bicho violento e sinistro e incluir a participação de crianças no grupo, garantindo a continuidade da manifestação. Sua ideia é de que a performance do grupo seja encarada pelos moradores e turistas como algo além de uma brincadeira, constituindo um evento popular cada vez mais cultuado e respeitado como “tradição”, pois já existe há quarenta anos de forma organizada e individual (sem participar da Festa do Reisado).

Para investigar as ações políticas da municipalidade voltadas à valorização e revitalização dessa manifestação cultural, procurei Telma Amaral, gerente de Cultura e Patrimônio Histórico. Telma me disse que vinham sendo postas em prática ações de fomento à figura popular do(a) Jaraguá, como a exposição anual de duas a três fantasias durante a grande festa da cidade e a homenagem realizada na Câmara Municipal em 2010 pela felicitação do quadragésimo aniversário do grupo.

Em consequência das atividades mencionadas acima, José Luiz comentou que o(a) Jaraguá tem sido procurado com mais regularidade para se apresentar em escolas municipais e estaduais, o que propicia maior reconhecimento do grupo pela comunidade. O crescimento da divulgação nas escolas é muito importante, pois a história local não vinha sendo trabalhada como temática para o fortalecimento do sentimento de pertencimento nas instituições educacionais locais. Embora os moradores reconheçam datas festivas civis e católicas, bem como determinados fatos históricos (como a data de fundação da cidade e da morte do padre José de Anchieta), essa dimensão da cultura local não vinha sendo devidamente valorizada entre os cidadãos de Anchieta.

Diante do acelerado processo de desenvolvimento econômico em curso, com a chegada de trabalhadores de outras regiões e a incorporação de novos valores e atitudes ligados à produtividade em escala industrial e internacional, inevitavelmente aumentam os riscos de que práticas populares espontâneas se enfraqueçam. A transformação da cidade de pequeno porte, antiga vila de pescadores, em uma cidade industrial é anunciada pela recente nomeação de Anchieta como capital da região sul do estado do Espírito Santo.

Assim, em novembro de 2010, foi lançado, pela Gerência Estratégica de Cultura e Patrimônio Histórico de Anchieta, o Edital Prêmio Anchieta Arte e Cultura, “com o objetivo de fomentar e incentivar, no âmbito do município, o desenvolvimento da arte e cultura em suas diversas expressões artísticas, no sentido de promover a diversidade cultural aos residentes no município de Anchieta”.

Apesar de o edital não prever manifestações culturais populares, o grupo do(a) Jaraguá participou. Para que o Grupo Folclórico do(a) Jaraguá (forma como a Gerência Estratégica de Cultura e Patrimônio o reconhece) participasse do edital, houve a necessidade de se adequar à classificação de “arte integrada” (esta, sim, prevista no edital), justificando-o pela linguagem teatral que permeia o(a) Jaraguá. O projeto, no entanto, indicava já no título o objetivo de “Restauração e recuperação do acervo do grupo folclórico do(a) Jaraguá.”, com base no registro audiovisual dos processos de confecção da fantasia (a secagem do musgo do mangue, a costura, a secagem das cabeças), além da coleta de depoimentos dos integrantes do grupo, com o registro da experiência e da história de vínculo de cada um com a manifestação, bem como a transmissão de informações sobre o que eles sabem a respeito do surgimento do(a) Jaraguá.

Para compreender como se deu o processo de adequação do grupo, em relação à classificação de “arte integrada” solicitada no edital do município, fui procurar José Luiz. Essa questão

terminológica não pareceu incomodá-lo, pois o grupo conseguiu ser contemplado em primeiro lugar. Ele também disse ter contado com o apoio de Telma, Sara e Joana, funcionárias da Gerência Estratégica de Cultura e Patrimônio Histórico, que os orientaram na elaboração do projeto e forneceram as instruções necessárias.

De todo modo, acompanhando esse processo de fora, pude perceber o quanto é importante, para a obtenção de resultados de maior alcance nas políticas públicas ligadas à cultura, fazer um mapeamento que permita a identificação das linguagens artísticas e culturais locais. Somente a partir daí é possível planejar adequadamente ações estratégicas de valorização, sensibilização e fomento às práticas identificadas, que sejam de real de interesse da população. A certeza de obter um resultado positivo é maior quando se tem um planejamento fundamentado numa pesquisa de dados direcionada.

Telma Amaral também nos contou que já estão em trâmite, na Câmara, a Lei Municipal de Incentivo à Cultura e a criação do Fundo Municipal de Cultura e do Conselho Municipal de Cultura. No entanto, ela lamentou a dificuldade de reconhecimento, por outros setores administrativos da Prefeitura, da necessidade de uma política cultural realizada sistematicamente pela municipalidade. As diretrizes gerais do Plano Nacional de Cultura, de 2008, ainda são “estranhas” aos poderes Executivo e Legislativo locais. Esse impasse não é uma característica restrita a Anchieta: ele evidencia a relação que se constitui entre a teoria e a prática política, no Brasil, e entre os níveis federal e municipal.

A compreensão de que cultura consiste em um assunto de dimensão pública que necessita de mecanismos próprios e específicos de apoio e fomento é algo novo para a política municipal; trata-se de temática nunca discutida ou considerada relevante em Anchieta. Ainda assim, é notável que exista uma crescente mobilização pela elaboração de uma política cultural nesse âmbito.

O diálogo entre o grupo do(a) Jaraguá e a gestão municipal de Anchieta desencadeou, ainda que timidamente, a construção de uma consciência política e o fortalecimento da organização do grupo, que almeja agora a constituição de uma pessoa jurídica. Um aspecto positivo que detectei é o fato de a gestão municipal procurar não interferir nas decisões do grupo, estimulando sua autogestão. Acredito ser indispensável esse cuidado em manter o poder de decisão sobre toda e qualquer manifestação cultural nas mãos daqueles que a realizam.

Ademais, por meio das entrevistas, percebe-se que a gestão municipal de Anchieta se preocupa em restringir os danos e impactos socioculturais provenientes da interferência brusca de valores globais e interesses puramente econômicos na localidade.

É interessante notar o quanto ações simples de fomento, como o lançamento de um edital de cultura, podem ser eficientes, ao promover a organização de grupos artístico-culturais e o fortalecimento de processos de autogestão. No caso dos(as) Jaraguás, essa oportunidade levou

os integrantes a pensar nas possibilidades de parcerias que podem ser firmadas a favor da manutenção de um bem comum.



Figura 3: Jaraguá na rua. Bairro Porto de Cima, Anchieta, ES. Carnaval, 2010. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/anchieta-es-o-mar-responde>>.

Outro processo de transformação aconteceu dentro da Prefeitura, que, diante dos resultados obtidos com a execução do projeto realizado através do Edital Prêmio Anchieta Arte e Cultura, sentiu-se estimulada a promover possíveis desdobramentos. Existe, agora, a proposta de encaminhar uma verba anual para o grupo, condizente com os custos orçados pelos integrantes para a manutenção das fantasias e a difusão da figura do(a) Jaraguá pela região sul capixaba. Podemos interpretar esse desdobramento como um sinal de sensibilização e conscientização do governo municipal da importância não só dessa manifestação cultural em específico, como também da sistematização de políticas públicas para a cultura em geral e a cultura popular, em particular.

Inevitavelmente, na interface entre cultura e política são necessárias certas adaptações e negociações. No caso do grupo do(a) Jaraguá, isso fica patente no interesse em formalizar o grupo como associação ou grupo folclórico, definindo sua personalidade jurídica para receber os recursos públicos mais facilmente. Além disso, a fim de concorrer em editais e fazer parte do cronograma de eventos da cidade, precisará realizar o planejamento de suas atividades e a prestação de contas de forma mais sistematizada. Apesar de o grupo já contar com um tesoureiro e um líder informal, hoje suas atividades não são constantes e não têm aspecto ‘profissional’; são vistas como tarefas espontâneas, necessárias para manter a unidade do grupo e garantir a “saída” do(a) Jaraguá.

Na análise da relação entre cultura popular e gestão cultural, o importante é discutir até que ponto tais negociações e adaptações são desejadas ou impostas. Acredito que não se deve interferir na maneira pela qual o grupo/artista popular se organiza e se expressa; pelo contrário, ela deve ser respeitada e levada em conta no planejamento de ações culturais do governo. Ao

mesmo tempo, novas possibilidades de organização e financiamento podem ser apresentadas. De qualquer modo, meu estudo de caso sugere que essa relação pode ser frutífera, desde que haja abertura e sensibilidade de ambas as partes.

Entrevistas:

1. José Luiz Carvalho Dollingör ou “Zé’ Luiz”, representante oficial da manifestação do(a) Jaraguá: dias 23 de abril de 2010 e 27 de maio de 2011.

2. Dona Laila, ex-integrante do Reisado de São Mateus e do Congo Força da Raça, ou o chamado “Tambor” de São Mateus: dia 27 de janeiro de 2011.

3. Seu Rubens, ex-integrante do Reisado de São Mateus (era Jaraguá) e do Congo Força da Raça, ou o chamado “Tambor” de São Mateus: dia 27 de janeiro de 2011.

4. Telma Amaral, gerente Estratégica de Cultura e Patrimônio Histórico Municipal: dia 23 de maio de 2011.

Recebido para publicação em agosto de 2011

Aprovado para publicação em janeiro de 2012

¹Para saber mais, consultar: <<http://www.litoralsulcapixaba.com.br/santuário/santuário.htm>>. Acessado em: 20 set. 2011.

²O rio Salinas é afluente do Benevente, o principal rio da cidade. Sobre as ruínas, não se sabem ao certo sua origem nem sua função. Para saber mais, consultar: <[http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/0064C3E0D30A4FB68325742B004C5CBB/\\$File/invent_Anchieta.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/BDS.nsf/0064C3E0D30A4FB68325742B004C5CBB/$File/invent_Anchieta.pdf)>, p. 29. Acessado em: 20 set. 2011.

